(Tradução Elisabette E. Correa)

Um menino fez uma pipa com seu pai. Eles trabalharam durante o inverno e ela se tornou uma verdadeira obra de arte. A cruz de madeira clara estava envolta em belas cores transparentes que aspiravam elevar-se em formas vivas!

No verão, quando o menino fez subir a pipa, o sol gostou tanto daquelas cores vivas, que olhava para elas o tempo todo e lhes mandavam seus raios brilhantes. O amarelo e o vermelho eram as que ele mais gostava, e essas ele então fazia reluzir mais do que todas as outras cores. Assim aconteceu que a pipa quase parecia um a cruz flamejante lá no alto do céu.

O menino admirava esse jogo de cores tanto quanto o sol e fazia a sua pipa subir tão alto quanto possível. Infelizmente a linha havia se desenrolado tão depressa que a pipa não podia subir mais.

Sim, isso realmente era uma pena!

O menino olhava, olhava, e em seus pensamentos fazia a pipa subir sempre mais alto. Mas... Ah isso só acontecia na sua imaginação!...

Uuuuuufff... Eis que chegou uma rajada de vento! Arrebentou a linha... Então a pipa realmente subiu pelo céu á cima.

O menino a seguiu com os olhos e viu como ela subia sempre mais e mais. Logo ela estava tão alta, que ele não conseguia mais distingui-la direito e depois não conseguia mais ver o que acontecia com a pipa; mas, para ela, havia muito o que vivenciar lá em cima!

Primeiramente, veio ao seu encontro uma gralha e imediatamente começaram a conversar:

“Bom dia” falou a gralha.

“Bom dia” respondeu a pipa.

“És tu um pássaro com tuas assas flamejantes e tua calda comprida?

“Não, não sou um pássaro!”

“Então, o que és tu, e de onde vens?”

“Eu venho daquele menino pequeno, que está lá em baixo olhando para cima. Foi ele quem me fez”.

“Ah sim. E para onde leva o teu caminho?”

“isso eu não sei, só quero voar assim pelo céu”

“Então tu não pertences a isto aqui. Aqui em cima todos os seres sabem bem exatamente de onde vem e para onde vão. Eu, por exemplo, vôo a cada inverno para o norte (aqui será o sul. n.d.tr.*) e cada verão para o sul (norte) te aconselho a voltar para os homens, pois se tu não sabes para onde deves ir, te perdes no céu.”

Mas a pipa era teimosa e subiu mais alto. Pouco depois encontrou uma semente* alada. Ela estava mais alto do que a gralha.

“Bom dia” murmurou a semente.

“Bom dia” respondeu a pipa.

“És tu também um grão de semente, com essas tuas formas e cores estranhas?

“Não. Eu sou algo feito pelos homens; eu venho daquele menino pequeno lá embaixo, que continua olhando para cima.”

“Para onde tens que ir?”

“Isso não sei. Quero apenas estar uma vez no céu.”
“Então, não pertences a isto aqui. Aqui cada um sabe o destino de sua viagem. Eu navego apanhar aquilo que vai do leste para o oeste: isto é o calor do sol. Depois de o ter absorvido eu vôo de novo para baixo e levo para a terra. A terra então faz disso crescer uma nova flor. Mas, se não sabes o que tens de fazer, em teu lugar eu preferia descer de novo, pois senão perderás a direção aqui nessas altas amplidões.”
Mas, a pipa não ligou e subiu ainda mais. E aí passou por uma nuvem.
“Bom fim de tarde” sussurrou a nuvem.
“Bom fim de tarde” disse a pipa.
“ES tu uma nuvem com esse teu ocaso flamejante?”
“Não, eu sou dos homens. Eu venho daquele menino pequeno lá embaixo”.
“Então para onde queres ir?”
“Apenas entrar no céu”
“Então não pertences a isto aqui! Cada um aqui conhece a sua direção (destino). Eu recolho o último vermelho do sol e o fim da tarde e o transformo á noite alvorada, que evita a falta d’água. Eu desço chovendo com o arrebol e abençôo a terra e depois de havê-lo feito, o sol me carrega novamente para cima para formal um novo arrebol. E assim eu sempre só desço e só subo. Mas te dou um bom conselho: volta para o menino pequeno, pois seu destino tu te perderás aqui em cima!”
Porém a pipa não se deixou dissuadir do seu plano, e subiu mais alto ainda. E então chegou ás estrelas.
“Boa noite” cantaram todas as estrelas em coro com vozes claras e altas.
“Boa noite” contou a pipa também.
“O que é que nos trazes de notícias, cometa da terra?” cantaram novamente as estrelas.
“Eu venho daquele menino pequeno, que está deitado lá embaixo na terra, e dorme” cantou a pipa. “Ele me fez subir, mas eu escapei dele. Ele esperava até que eu volte, mas nesse meio tempo ele adormeceu, e agora está sonhando comigo.”
“Então queremos que tu leves a nossa benção ao menino”, cantaram as estrelas, e cada uma delas lhe deu um pouco do seu brilho claro.
Mas, então chegou o arcanjo Micael!
Este tomou uma grande estrela na mão e atirou zunindo contra o estranho intruso. No mesmo instante irromperam chamas da pipa que, queimando despencou na profundeza.
Quando o menino acordou, sentiu que havia sonhado um sonho esquisito e que por isso havia acordado assustado. Mas, quando olhou ao seu redor, percebeu que 9º seu sonho não poderia ter sido um sonho comum, pois que ao seu lado estava a cruz da sua pipa, cujo belo papel havia sido consumido pelo fogo.
A cruz já não era mais de madeira, mas agora era constituída de claro ferro celestial! Quão surpreso ficou o menino quando viu isso! Mas também o desgostou um pouco. Agora perdera para sempre a sua bela pipa!
Quando chegou em casa com a cruz de sua pipa, o pai o consolou. “Meu filho, o melhor é que fiquemos alegres. Se tua pipa não houvesse queimado, jamais terias recebido esta cruz de ferro celestial. Este ferro é mais leve do que a madeira; mas leve e, no entanto mais forte do que o aço mais duro. Faremos disso uma pipa mais bonita do que a anterior.”
E isso eles fizeram, quando chegou o inverno. E no verão seguinte, quando a pipa subiu, voltou a encontrar lá no céu aquilo que foi do sul para o norte (norte-sul), do leste ao oeste, e do céu para a terra. E quando chegou ás estrelas,, encontrou novamente Micael, e uma vez

mais caiu flamejando para a terra, mas a cruz do ferro celestial se tornou ainda mais brilhante do que era antes.

Assim aconteceu durante muitos anos, e a cada ano a cruz se tornara mais brilhante.